

Crítica // Segredos de um escândalo ★★★

# Perigosa sedução

A transposição para a tela de um enredo associado a polêmico romance de uma atriz move a trama do mais recente filme de Todd Haynes

Ricardo Daehn

Atriz da conceitada escola Juilliard, uma das protagonistas do mais recente filme de Todd Haynes é a aspirante a estrela Elizabeth (Natalie Portman), capaz de, numa cena, intrigar: assumindo a tensão constante nas cenas mais íntimas de um filme, em palestra, Elizabeth troca a ideia do fingimento de prazeres e as estudadas coreografias pela possibilidade do suor intenso a reboque de “química real”.

A atriz está às vésperas de integrar o elenco de um telefilme, mas, vislumbrando os potenciais parceiros de cena, para tomadas de alta voltagem, não consegue detectar um pingão de sensualidade. Também pudera: todos os candidatos não ultrapassam a compleição dos 13 anos. Alvo, no passado, de furor na imprensa, um caso polêmico alimenta o trabalho audiovisual em que Elizabeth se envolve. Gracie (Julianne Moore), uma estrela conhecida, se envolveu com um jovem do ensino médio, quando ela tinha 36 anos. O longa em que o espectador acompanha os bastidores e os estudos de Elizabeth (que se imiscui na família de Gracie), disposta

DIAMOND



Segredos de um escândalo: brilho de Julianne Moore e Charles Melton

a criar uma versão “complexa e humana” da mulher outrora socialmente julgada. Num fio de navalha, entre o apelo carnudo dos antigos tabloides e a “memória coletiva” (de uma comunidade), Todd Haynes orchestra um pequeno (e sutil) jogo de manipulação e controle.

Uma fase de transição na vida dos filhos de Gracie acentua a negociação entre a ex-estrela e Elizabeth que equipara “história (leia-se, narrativa)” e “vida” (real) de todos. Xereta, a personagem montada por Natalie Portman extrapola na indiscrição, ao avançar

na infantilizada vivência de Joe (Charles Melton) e Gracie (Moore, sensacional no registro, em que traz até a língua presa). O descompasso é gritante, e Joe, o marido, se mostra inseguro e dominado.

Pertinente, o roteiro dos estreantes Alex Mechanik e Samy Burch abraça temas como o da síndrome do ninho vazio, amadurecimento retardado, e a definição de personagens com moralidade questionável. Os elementos dramáticos sempre presentes nas obras de Todd Haynes se apresentam nos imponentes

óculos pretos usados pela atriz, e ainda na adaptação musical de peças que calibraram o longa de Joseph Losey, *O mensageiro* (1971). Mudanças perturbadoras de comportamento também cravam intensidade no filme. Atentando para “o perigo” representado por pessoas inseguras, uma personagem expressa o deboche dos roteiristas do longa, que traz três cenas muito marcantes: a do pai que divide baseado com o filho (Gabriel Chung), a dos choros incontidos de Gracie e ainda a que envolve casulos e borboletas.